

# Ligeiro e lépido

J Henry Phillips

“Metade das malas e o dobro do dinheiro” é o lema de quem viaja bem. O discernimento do intérprete também se aplica à escolha do ferramental. Dicionários pesados devem ficar em casa juntinho da mala sem alça. O ideal é a maleta mágica do Gato Félix, cheio de coisas que ao menos poderão ser de alguma ajuda. Quem forma o hábito de preparar glossários especializados chega bem preparado na hora da conferência. Mais vale um glossário específico da matéria em pauta — mesmo impresso em poucas folhas — que qualquer livro que existe. Na leitura pré-conferência, aproveito e atualizo os glossários relevantes, fixando na mente as soluções.

Os PDAs de bolso permitem carregar vários glossários. Se na saída para o aeroporto chegou por e-mail alguma apresentação em Word, ou formato PDF, este pode ser lido durante o voo ou mesmo à mesa mais escura do restaurante. Existem até carregadores portáteis que funcionam com o isqueiro do carro para recarregar a bateria do PDA.

Para enfrentar aeroportos, navegar pelo hotel e chegar sem demora ao local de trabalho, o estojo do intérprete deve ser pequeno e leve. Para ajudar na sua função principal, que é de entender, nada mais indicado do que um auscultor (headset em português) e uma coleção de plugues adaptadores. Nunca se sabe que tipo de equipamento os técnicos vão arrumar, e às vezes arrumam equipamento que nem funciona. Vale a pena carregar um conjunto de transmissor e receptor portáteis. O transmissor você pendura no conferencista e o receptor colocará sua voz no seu ouvido. Um receptor extra serve também para captar a tradução feita pelos colegas de outro idioma, como espanhol, o que muitas vezes é uma grande ajuda. Os radinhos da Williams Sound são úteis e acessíveis, mas a Sony também fabrica um sistema de microfone ultraleve e barato, o WCS 999, que cabe no bolso do paletó. O volume desses sistemas de pilhas nunca é muito bom, mas isso também dá para ajustar.

Um gravador de fita-cassete serve como amplificador para o rádio receptor. Um cabo conector macho/macho liga o receptor à entrada (Line ou Mic) do gravador, e o headset do intérprete recebe o sinal amplificado diretamente do plugue de saída (“ear” em japonês) do mesmo gravador. Esses gravadores até funcionam sem a fita se abrir um pouco a tampa e apertar com lápis uma pequena chave que a fita cassete normalmente aciona — isso ao apertar o botão vermelho de gravar (“rec” em japonês). É claro que o gravador traz a vantagem adicional de servir como gravador

em fóruns menos paranóicos. Para quem traduz o mesmo grupo de tempo em tempo, é vantajoso ouvir a gravação de uma apresentação anterior para refrescar a memória. Toda essa versatilidade pesa menos que 200 g com bateria e tudo.

Conseguir enxergar também ajuda bastante na compreensão, fato que raramente ocorre às pessoas que colocam a cabine do intérprete longe

do pódio. As apresentações em PowerPoint estão sempre sofrendo mudanças de última hora, e os apresentadores raramente seguem a ordem das páginas numeradas. Usam letrinhas miúdas, que mesmo ampliadas na tela são difíceis de enxergar de longe. Nem sempre sabem usar o microfone ou falar com clareza. Nesta hora o melhor amigo do intérprete é um pequeno telescópio que cabe no punho da mão e custa menos que US\$20. Com isso você não só acompanha em tempo real o texto da apresentação na tela, como também faz a leitura da expressão e dos lábios do palestrante. O intérprete que consegue ouvir a voz e enxergar direito o conferencista e seus dados de apresentação ao menos terá condições de cumprir seu papel.

O peso total desses quatro itens — PDA, sistema de rádio, gravador e monóculo — é menos que um quilo. O custo total nem é tanto assim. Pelo sistema de rádio você pagará 100 dólares (da Sony) ou 200 a 300 dólares (usado da Williams Sound). Os PDAs custam em torno de US\$300, o monóculo entre 10 e 20 dólares, um headset você arruma entre 10 e 50 dólares e um gravador portátil da Sony custa menos de 20 dólares. O investimento médio é de US\$400. Antes ter e não precisar do que precisar e não ter.

Existe sempre a possibilidade de o intérprete ter que dividir o trabalho com aquela famosa figura da nossa profissão, o famigerado Mike Hog. A cura para quem não se manca na hora de largar o microfone é o relóginho da Ikea, que custa uns 4 dólares. Mostra temperatura, mede ciclos, tem despertador, faz contagem regressiva e é menor que um maço de cigarros. O mostrador é fácil de enxergar, e se o Mike Hog fizer vista grossa, toca um despertadorzinho. A Casio fabrica um relógio



receptor com cabo, gravador e headset

de pulso que também funciona como timer de contagem regressiva, mas custa uns US\$40 e é mais complicado.

É bom carregar um lápis e caderno de taquigrafia para anotar os chavões e vocabulário novo. Vale a pena ter uma lanterninha, óculos e canetas extras, calculadora ou régua de cálculo e uma folha de conversões de temperaturas e unidades de medida. Ter crachá de intérprete e cartão de visita com o número do celular já gravado ajuda a evitar aquele problema do intérprete que ninguém consegue achar. Um colega me ensinou a usar colete de fotógrafo para juntar essas tranqueiras todas nas viagens; custa sete dólares e tem bolsos para malocar tudo. Para completar o kit, uma mochila a tiracolo junta as peças maiores e deixa as mãos livres para puxar a mala de viagem e lidar com botões de elevador.

O intérprete prevenido vale por dois. Se o conferencista é famoso, é fácil encontrar na internet alguma coisa da sua autoria. Assim você se familiariza com o ponto de vista da pessoa e sua maneira de tecer os pensamentos em frases — mesmo se o figurão não lhe fornecer o material da palestra. Adianta reclamar? O intérprete profissional é aquele que acompanha o ritmo do apresentador, custe o que custar. Observe também que mesmo que o palestrante reduza o ritmo durante alguns minutos, rapidinho esquecerá do intérprete, retomando seu compasso natural. Nesse momento o que ajuda o intérprete são as informações que traz na cabeça e não debaixo do braço. É com esse pensamento que escolho o conteúdo da maleta mágica, para que não se transforme em mala sem alça. Quem quer ser contratado uma segunda vez como intérprete simultâneo de conferência faz o necessário para se tornar ligeiro e lépido.